

## As quarenta orelhas de adorno

Colocaram a tampa. O sol tinha desaparecido. O silêncio e a negrura apertavam-nos a prata do fecho, receosos da solidão, enquanto que as pérolas rolavam de agitação sobre o pano tecido à mão de seda, se bem me recordo, cor de esmeralda...ou seria púrpura? A verdade é que, naquela escuridão, só pude especular sobre o que provavelmente seria. Entretanto, mesmo estando encerrado, ou encerrada (nunca percebi ao certo qual o género a usar) num pacote de tecido, sentia as falanges a pressionar a caixa, carregando-a cuidadosamente, enquanto o estrondo da sola na pedra ecoava por todo o salão. Alguém pousou a caixa num móvel e fechou a gaveta emperrada, que não foi novamente aberta no que me pareceram, pelo menos, dois meses, mas convenhamos que o meu sentido de orientação estava um pouco perdido...

Quando finalmente destrancaram a gaveta, conseguia sentir os pequenos e calorosos raios de sol nascente que entravam por uma ínfima fissura na tampa, sem sequer saber ao certo como teria ido ali parar. Os sapatos chiavam ruidosamente pelo pavimento, desta vez de madeira. Aterrou a caixinha numa mesinha de cabeceira, onde aguardei (im)pacientemente pela minha próxima paragem...

Subitamente, a tampa abre-se e a claridade reina no interior. Avistava uma formosa rapariga, de cabelos ruivos cor de outono e olhos verdes primaveris. Tinha umas mãos delicadas, com as quais me colheu levemente, e junto a mim, estava um brinco idêntico. Surpreendeu-me o facto de não ter proferido uma única palavra ao longo da nossa intensa viagem. Talvez fosse uma pérola muda. Perfurou cautelosamente o lóbulo da sua pequena e rosada orelha e repetiu o processo do outro lado. Mirou-se no espelho. A cor negra do seu vestido condizia perfeitamente com a minha simplicidade (e com a da cópia barata que colocou na orelha esquerda). Do seu rosto puro, escorriam pequenas gotas cristalinas. Era um dos mais belos fenómenos que vira, mas a rapariga parecia ter um ar sofrido. À esquerda do espelho, estava a caixa onde viajei. Tinha na tampa gravado a ouro o nome “Helena”, e uma etiqueta, amarrada com um pequeno cordel, que tinha escrito “Para a minha querida filha”. A rapariga apertou com as forças que tinha a caixa, e, em seguida, abandonou o quarto.

Pensava e matutava no que poderia ter sucedido à pobre rapariga. Quando dei por mim, a realidade voltara, e, desta vez, estávamos num género de jardim. Não era muito alegre. Uma caixinha semelhante à minha, mas de maior dimensão, era levemente pousada na terra, com um círculo de gente de negro a chorá-la, e eu em sem perceber porquê. Chegamos ao quarto da menina. Ela, chorosa, atirou-nos violentamente para a cómoda, fazendo-nos cair para o chão, por

detrás do móvel.

Ficamos perdidas nas profundezas. O pó já nos asfixiava, até que, um dia, puxaram o móvel (suponho eu que seria a criada para limpar o pó), pegaram-nos e guardaram-nos no bolso. A partir deste momento, nunca parei de viajar. A verdade é que a Dona Amélia, a criada de Helena, era muito “prestável”, de modo que eu e a minha parceira muda passamos por, no total, 15 pares de orelhas (a contar com as dela). Não gostava muito de Amélia. Tinha um cheiro intenso a naftalina e a perfume velho e, junto a mim, estava uma verruga asquerosa tão grande que parecia ter olhos próprios que me olhavam fixamente. Falava barbaridades tão altas, assim como as suas 14 primas (único grau de parentesco que sabia que existia): Lúcia, Carla, Arlete, Célia, Florência, Elizabete, Olga, Brízida, Deolinda, Gertrudes, Brigitte, Maria do Céu, Teresa e Adelaide. Todas elas eram fortes, barulhentas, e “confusas”, ou quase todas.

Arlete, por exemplo, pelo que testemunhei, costumava muito falar de “raças”. Tinha a certeza de que as hierarquias se aplicavam nas raças. Enaltecia muito os “arianos”, o seu aspeto, o quão puros eram em relação aos “diferentes”. Ela também era diferente das suas primas: tinha cabelos claros, olhos azuis, pele branca (talvez devido à quantidade de pó de arroz que colocava na cara), e tinha um sotaque meio agressivo. Nunca a consegui entender: porque é que ela odiava pessoas desconhecidas? Porque achava que existiam superiores? Que concepção seria aquela? E porque era ela tão agressiva? Seria por ela ser forasteira?

Lembro-me também muito bem de Célia. Ela era a mais delicada e composta da sua família. Tinha um pescoço mais fino, uma pele suave, sem rugas, pelo que calculo que seria a mais jovem delas todas, uns canudos castanhos que me abraçavam sempre que ela mexia a cabeça. Parecia estar sempre alegre nos jantares, o canto do seu lábio subia na face para junto de mim. Porém, quando regressava a casa, era outra história. Ela costumava verter lágrimas no quarto, agarrando uma carta intitulada de “Telegrama” e uma fotografia dela com um homem, com um anel idêntico ao dela. Célia lembrava-me muito Helena, de quem tinha saudades. Nunca percebi como e porque é que vertiam elas água. O que teriam elas em comum? O que lhes teria acontecido? Porque sofriam?

A última prima por onde passei foi Florência, sendo ela também novinha. Era dona de casa e estava “casada” (não sei o que significa, ainda) com o Sr. Afonso. Não gostava muito dele. Era um pouco obsessivo, e, sempre que ela estava junto dele, o seu canto do lábio descia um pouco. Por causa dele, não consegui entender o que ela realmente era, só a sua infelicidade. Um dia, ocorreu ao Sr. Afonso reparar na aparência de Florência, sendo que ela se arranjava todos os

dias na esperança de que ele reparasse e lhe desse atenção. Só que ele só reparou nos lindos brincos de pérolas que tinha nas orelhas, os quais desconhecia. Logo especulava sobre os piores cenários sem saber a inocente verdade. Ela logo tentou explicar, mas o homem obrigou-a a retirar-nos das orelhas. Guardou-nos numa caixinha ínfima, onde mal conseguíamos respirar, colocou-nos no bolso do casaco pendurado à entrada e abalou. Ouviam-se os gritos e choros da sala que me entristeciam, nem sei como nem porquê. No dia a seguir, pegou no casaco e saiu de casa. Um tempo depois, pegou na caixa e abriu-a. Esperava ver à minha frente Florência, esperava que tudo se tivesse esclarecido. Mas a mulher não era Florência. Não tinha os canudos castanhos e pele rosada de Florência, mas sim um cabelo liso loiro e olhos cor de avelã. Porque estaria o Sr. Afonso a oferecer pérolas a outra mulher? Seria ela prima dele? Pareciam demasiado íntimos para serem (só) primos.

Vim a descobrir que a mulher se chamava Abigail e que era oriunda de Inglaterra. Ela, sem saber o peso que carregava nas orelhas, foi dar um passeio pela praça principal da cidade, para exhibir os seus brincos em segunda mão. Cruzou-se com uma das primas de Amélia, Lúcia, que logo reconheceu os brincos. Explicou que os brincos tinham sido usados pela última vez pela mulher de Afonso, Florência. Abigail logo percebeu o que sucedera e, sentindo-se traída, atirou-nos violentamente para o chão. E assim fomos pulando pela praça até sermos colhidos por um joalheiro, o senhor António. Lembro-me vagamente que, antes de me entregarem a Helena, fui colada e polida pelo António, que, por sua vez, nos reconheceu de imediato. Levou-nos para a sua ourivesaria, onde banhou a ouro o nosso fio de metal e envernizou as pérolas riscadas pelo alcatrão da rua. Deixou-nos a secar no seu escritório. Entretanto, a sua neta Emília, curiosa como era, entrou no escritório do avô e lá nos viu, por baixo do foco de luz do pequeno candeeiro. Não resistiu à tentação de experimentar os novos brincos que o avô tinha arranjado, e iacolocar-nos nas orelhas, mas assim que nos agarrou, o ouro e o esmalte cor de pérola começam a pintar os seus pequenos e culpados dedos. Ela, aflita, enrolou-nos num pedaço de tecido e colocou-nos dentro de uma caixa de contas de prata. O azar (ou sorte) é que, na manhã seguinte, António ia utilizar essas contas de prata para fazer um colar e ali nos encontrou, borradas e pegajosas, sem ninguém que se acusasse. Eu não compreendia a falta de honestidade de Emília para com o seu avô. Teria medo dele? Nada disso me interessou muito depois, visto que António voltou a banhar o metal com ouro e, desta vez, usou um novo verniz que tinha comprado na drogeria, o esmalte “super-brilho”. No dia seguinte, estava eu fabulosa e há que admitir que a minha “copiazinha” também não estava nada má. O senhor António, orgulhoso do seu trabalho, colocou-nos na montra, numa pequena caixinha com um paninho com renda bordada. Eu via, do outro lado do vidro, as pessoas a admirar-nos, como uma atração de circo. Não demorou muito até haver um comprador: Bárbara.

Bárbara era uma das poucas mulheres que se autossustentava, sem marido. Era uma mulher com uma alma forte, trabalhadora, e tinha cabelos negros e uns olhos verdes refrescantes. Trabalhava numa loja de fotografia, de sucesso já que ainda não havia muitas. Era uma excelente fotógrafa e parecia ser uma rapariga alegre. Porém, em casa, quase que conseguia partilhar a solidão que ela sentia quando entrava no alpendre, pousava as chaves e ouvia o chiar da madeira sob os seus passos. Entretanto com a enorme carga horária e com todos os seu deveres, Bárbara tinha-se esquecido que, no dia a seguir, era o aniversário da sua grande amiga Helena. Que nome curioso! As lojas estavam todas encerradas, de modo que Bárbara não conseguiu arranjar nenhum presente para a sua amiga. Por isso, arranjou uma solução: iria oferecer os seus brincos de pérola, praticamente novos, sabendo que ela tanto gostava de pérolas. Colocou-nos numa caixa por cima de um pano, desta vez, vermelho-vivo, fechou a tampa e colou um lacinho decorativo de cetim que tinha arranjado na sua caixa de costura.

Na manhã do dia a seguir, saiu apressadamente de casa agarrando rapidamente na caixinha onde nós estávamos. Passado algum tempo, parámos, e senti os seus saltos a subir uma escadaria e a bater à porta. Entrou na casa, retirou-nos da mala, e passou-nos para as mãos da amiga. Quando a amiga abriu a caixa, o meu coração alegrou-se: a sua amiga Helena, era “a Helena”. Ela sorriu para nós como se nos reconhecesse e colocou-nos no seu quarto. Parecia estar feliz, mais animada. Notei também que o seu quarto estava mais jovial. Ela sorriu e fechou a caixa. Mais tarde, a caixa foi de novo aberta, mas por uma menina pequenina, parecida a Helena, que estava junto dela. Percebi que seriam parentes, mas não primas, algo mais íntimo. Concluí então que Helena nos teria oferecido à sua filha, a quem tratei por Matilda.

Pela primeira vez chorei, mas, neste caso, de alegria pois, pela primeira vez em 40 orelhas nas quais eu e a minha “irmã” estivemos, duas pertenciam a alguém tão feliz, tão alegre, tão puro. Matilda, ao contrário da sua mãe e das outras pessoas que conheci na minha jornada, nunca me deixou mergulhar nas dúvidas e incoerências em que a minha mente costumava mergulhar. Ódio, tristeza, desconfiança, desonestidade, abandono e solidão... tudo o que era negativo parecia fazer apenas parte do passado.

Vivi feliz ao lado de Matilda e da minha gémea, ao longo da sua vida, até Helena ter falecido, fenómeno que só nesse momento descobri que causava tanta tristeza. Com isso, Matilda, quando chegou a casa, tirou as pérolas dos orelhas, e, chorosa, atirou-nos violentamente para a cómoda, fazendo-nos cair para o chão, por detrás do móvel. Nesse momento, sorri com nostalgia. A minha irmã companheira virou-se para e, pela primeira vez, falou, dizendo: “Para a próxima, sou eu a contar”.